



## **A ENFERMAGEM NO ACOMPANHAMENTO DO AUTISMO EM ADULTOS**

**Francisco Amauri dos Santos Verçosa Junior<sup>1</sup>**

**Thais Barros de Freitas<sup>2</sup>**

**Deyse Nunes Beserra<sup>3</sup>**

**Lecy Renally Sampaio Rocha<sup>4</sup>**

**Nitchele Gonçalves Távora<sup>5</sup>**

**Rithianne Frota Carneiro<sup>6</sup>**

**RESUMO:** Transtorno de Espectro Autista (TEA) são transtornos que compartilham déficits clinicamente significativos na interação social e na capacidade de se comunicar como principais características. Trata-se de estudo de revisão da literatura já disponível, com o objetivo de buscar como esse paciente convive na fase adulta e mostrar competências do profissional Enfermeiro dentro dessa realidade. Estudo descritivo-exploratório, do tipo revisão de literatura, onde foram utilizados 7 artigos que constassem na Biblioteca Virtual de Saúde, que responderam ao objetivo proposto do estudo. Entre 37% e 46% dos adultos que são diagnosticados com autismo, contam que existem sintomas de ansiedade e depressão em nível graves ou moderados, segundo a neuropsicóloga Joana Portolese, do Instituto PENSI. O autismo não se trata de prejuízo físico, nem menor duração de vida e pode melhorar com tempo e tratamento adequado, podendo ficar próximo à normalidade, mas isso depende muito do diagnóstico precoce. A partir disso é possível dar início ao tratamento eficaz, podendo citar a terapia comportamental que ajuda no quesito de socialização ou o uso de medicamentos que ajudam a lidar com o quadro de depressão e ansiedade. O enfermeiro é peça fundamental no que diz respeito ao cuidado e acompanhamento do paciente autista, visto que esse paciente necessita de um cuidado holístico e integral, podendo colaborar positivamente no acolhimento do paciente autista. Entretanto, foi identificada uma deficiência no que diz respeito a estudos relacionados a pacientes adultos com autismo, por outro lado, foi observado que a enfermagem é fundamental para que esse paciente possa ter um cuidado efetivo e continuado.

**Palavras-chaves:** Transtorno Autístico. Saúde do adulto. Enfermagem.

**INTRODUÇÃO:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um dos transtornos mentais infantis mais comuns na prática clínica, fazendo parte do grupo de Transtornos do Neurodesenvolvimento, especificado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. O transtorno tem início no período do desenvolvimento dos indivíduos, caracterizando déficits que prejudicam o aspecto pessoal, social, acadêmico e/ou profissional, perpetuando seus efeitos pela vida inteira. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). As dificuldades na interação social podem se manifestar como forma de isolamento, falta de contato visual, dificuldades em participar de atividades que envolvam interação grupal bem como comportamento social inapropriado, indiferença afetiva, falta de empatia ou demonstrações de afetividade inadequadas. Na idade adulta, em geral observa-se um desenvolvimento positivo do quadro de isolamento, porém persiste a carência das habilidades sociais. (GADIA *et al.*, 2004). Os dois principais conjuntos de sintomas da TEA, como déficits na comunicação e nas interações sociais e padrão comportamentais repetitivos e característicos, gera a necessidade de um olhar interdisciplinar, avaliações e visões complementares são bem-vindas para uma formulação diagnóstica integrada, bem como para a seleção de estratégias clínicas, farmacológicas e de reabilitação eficientes e adequadas para cada fenótipo comportamental nos casos de TEA. (MUSZKAT *et al.*, 2014). A enfermagem como parte da equipe multidisciplinar que oferece atendimento aos pacientes com TEA, deve dispor de uma gama de conhecimento sobre a temática e os fatos que engloba esse transtorno, uma vez que ele se mantém constantemente próximo ao paciente, além de ser o responsável pelas consultas de avaliação e acompanhamento de crescimento e desenvolvimento desses pacientes nas unidades básicas de saúde e ambulatórios. Espera-se, assim, que o enfermeiro identifique as diferentes necessidades por meio de planejamento de cuidado flexível e individualizado, que considere a aplicação de intervenções e tecnologias de Enfermagem e de metas possíveis e concretas, além de auxiliar os pais, quando se tratando de crianças recém-diagnosticadas, orientando-os sobre os desafios e cuidados à criança com TEA. (FERREIRA *et al.*, 2019). **OBJETIVOS:** Identificar e analisar as dificuldades que os pacientes com transtornos do espectro autista enfrentam na vida adulta, e como a enfermagem pode atuar nesse contexto. **METODOLOGIA:** Estudo descritivo-exploratório do tipo revisão de literatura, onde foi utilizado como referenciais teóricos, estudos atuais que contassem nas Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), cuja busca online se deu através das bases de dados MEDLINE e LILACS, entre os meses de abril e maio de 2021. Foram encontradas 40 publicações relacionadas ao tema. Os critérios de inclusão foram: estudos completos disponíveis para análise; publicados no idioma português e inglês; entre os anos de 2014 a

2021 - com exceção de um estudo de 2004 de alta relevância -, e artigos que contivessem em seus títulos e/ou resumos os seguintes descritores em ciências da saúde (DeCS): Enfermagem, Transtorno Autístico e Saúde do Adulto. Procedeu-se à leitura de 13 estudos, destacando-se 10 que responderam ao objetivo proposto por este estudo, a fim de obter resultados mais claros. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** Nos anos de 1930, iniciou-se a identificação do TEA, naquela época os pacientes considerados anormais eram enclausurados em instituições psiquiátricas. O psicólogo austríaco, Leo Kanner, em 1938 analisou de início pela primeira vez 11 crianças, e com isso percebeu características particulares em cada uma delas, que, contudo, não se encaixavam nas definições de psicopatologia em relação à saúde mental. O Donald Triplett, que ficou conhecido como o primeiro paciente diagnosticado com autismo, quase na mesma época que, Hans Asperger, também psiquiatra, mas que nunca teve contato com Kanner, descreveu a partir de uma pesquisa com quatro meninos, foi identificado características semelhantes às identificadas por Kanner, mas com o que chamamos hoje de altas habilidades, ou de alto funcionamento (DONVAN; ZUCKER, 2017). Segundo o neurologista Marco Antônio Arruda, “o autismo é como um degradê de cores do claro ao escuro, com vários tons”. Quando se fala em autismo, geralmente as pessoas têm o estereótipo visto em filmes, mas esses casos em geral são os mais graves, porém são raros. Os adultos com autismo geralmente buscam os serviços de saúde pela primeira vez devido a outros sintomas que surgem por conta das dificuldades de socialização do transtorno. Entre 37% e 46% dos adultos que são diagnosticados com autismo, contam que existem sintomas de ansiedade e depressão em nível graves ou moderados, segundo a neuropsicóloga Joana Portolese, do Instituto PENSI. Alguns sinais de autismo que podem ser prejudiciais ao longo da vida, são atraso na fala, dificuldade para fixar o olhar, sensibilidade a sons, seletividade alimentar, apego a padrões, comportamento repetitivos como movimento do tronco para frente e para trás (MARASCIULO, 2020). O autismo não se trata de prejuízo físico, nem menor duração de vida e pode melhorar com tempo e tratamento adequado, podendo ficar próximo à normalidade, mas isso depende muito do diagnóstico precoce. A partir disso é possível dar início ao tratamento eficaz, podendo citar a terapia comportamental que ajuda no quesito de socialização ou o uso de medicamentos que ajudam a lidar com o quadro de depressão e ansiedade. A psicoterapia tem como objetivo auxiliar a interpretar a linguagem corporal, a comunicação não verbal, a aprendizagem não verbal, a aprendizagem e as emoções e as interpretações sociais (BARROS; SENRA; ZAUZA, 2015). A terapia cognitiva comportamental (TCC) contribui para o ensinamento dos autistas em relação a diferentes formas e utilizar recordar e processar informações, como treinamento e autoinstrução

(WHITMAN, 2015). Como o TEA ainda é algo recente, que atualmente está sendo abordado de forma assídua, grande parte dos profissionais ainda desconhecem ou não estão capacitados com a temática, podendo causar uma assistência fragilizada. Vale ressaltar que o enfermeiro faz parte da equipe que cria e direciona um ambiente terapêutico, pois são eles que passam grande parte com os pacientes, ou seja, tem um contato direto em comparação aos outros profissionais da saúde. Sendo assim, o enfermeiro é peça fundamental no que diz respeito ao cuidado e acompanhamento do paciente autista, visto que esse paciente necessita de um cuidado holístico e integral. Nesse contexto, observa-se que o profissional enfermeiro pode colaborar positivamente através de observações dos comportamentos, se baseando em contato terapêutico e ampliando suas habilidades de modo que possa se relacionar com os pacientes compreendendo o significado dos seus padrões comportamentais e ampará-los (SILVA; GOMES; SANTOS, 2017). É válido que haja criação e melhoria contínua das pesquisas científicas e é necessário que seja abordado o relacionamento entre enfermeiro e paciente, com a finalidade de que se ache um norte para um tratamento correto e um melhor atendimento e cuidado ao paciente autista. Por fim, é imprescindível o papel que o enfermeiro possui, diante disso, há a necessidade de se capacitar, com o intuito de adequar o acesso ao conhecimento das diferentes técnicas de comunicações e estimular a capacidade de interação com os outros, com ênfase na construção de laços com toda a equipe multiprofissional (DE SENA *et al.*, 2015). **CONCLUSÃO:** Nota-se uma deficiência de pesquisa nessa área, mas apesar disso, foi observado que a enfermagem deve continuar prestando uma assistência qualificada ao paciente com TEA, com o acompanhamento necessário, promovendo todos os cuidados para que ele consiga se desenvolver individualmente e com as pessoas que estão ao seu redor para que ele consiga aumentar seu desempenho nas atividades diárias e consiga conviver normalmente com as pessoas em sua volta.

## Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5ed. DSM-V. São Paulo: Artmed, 2014.

BARROS, A. L.; SENRA, L. X.; ZAUZA, C. M. F. O processo de inclusão de portadores do transtorno do espectro autista. 2015. Disponível em: [www.psicologia.pt/artigos/textos/A0896.pdf](http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0896.pdf) Acesso em: 19 mai. 2021.

DE SENA, R. C. F. *et al.* Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015.

DONVAN, J.; ZUCKER, C. **Outra Sintonia: a história do autismo** Companhia das Letras, 2017.

FERREIRA, A. C. S. S.; FRANZOI, M. A. H. Conhecimento de estudantes de enfermagem sobre os transtornos autísticos. **Revista de enfermagem UFPE online**, Recife, 2019.

GADIA, C. A.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N. T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal de pediatria**, Rio de Janeiro, v. 80, n. 2, 83- 94, 2004.

MUSZKAT, M. *et al.* Neuropsicologia do autismo. In: FUENTES, D.; MALLOY-DINIZ, L. F.; CAMARGO, C. H. P. De.; COSENZA, R. M. (org.). Neuropsicologia: teoria e prática. 2. ed. Porto Alegre: **Artmed**, 2014.

MARASCIULO, M. Os desafios e preconceitos enfrentados por adultos autistas. Abril 2020.

Disponível em:

<<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/04/os-desafios-e-preconceitos-enfrentados-por-adultos-autistas.html>>. Acesso em: 13 mai. 2021.

SILVA, K. C. B.; GOMES, M. L. S.; SANTOS, L. E. S. Assistência de Enfermagem ao paciente com transtornos do espectro autista (TEA): Perspectivas a partir de um relato de experiência. In: IV ENCONTRO INTERNACIONAL DE JOVENS INVESTIGADORES, 6., 2019. Salvador. Disponível em:

<[http://editorarealize.com.br/editora/anais/join/2019/TRABALHO\\_EV124\\_MD4\\_SA50\\_ID1141\\_26072019161644.pdf](http://editorarealize.com.br/editora/anais/join/2019/TRABALHO_EV124_MD4_SA50_ID1141_26072019161644.pdf)>. Acesso em: 13 mai. 2021.

WHITMAN, Thomas. **O desenvolvimento do autismo**. São Paulo: M. Books, 2015.

---

<sup>1</sup> Acadêmico de Enfermagem, Centro Universitário UniFano, [juniorsant7@gmail.com](mailto:juniorsant7@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmico de Enfermagem, Centro Universitário UniFano, [thaisbfl@gmail.com](mailto:thaisbfl@gmail.com)

<sup>3</sup> Acadêmico de Enfermagem, Centro Universitário UniFano, [deysenb20@gmail.com](mailto:deysenb20@gmail.com)

<sup>4</sup> Acadêmico de Enfermagem, Centro Universitário UniFano, [lecysampaiols@gmail.com](mailto:lecysampaiols@gmail.com)

<sup>5</sup> Acadêmico de Enfermagem, Centro Universitário UniFano, [nitcheletavora123@hotmail.com](mailto:nitcheletavora123@hotmail.com)

<sup>6</sup> Professora Mestre Titular, Centro Universitário UniFano, [rithiannefrota01@hotmail.com](mailto:rithiannefrota01@hotmail.com)